

A AVALIAÇÃO INDICOU ALTAS HABILIDADES, E AGORA?

Daisy Niedziekcik¹; Jacqueline Araújo de Souza²

¹Centro de Ciências Humanas, Curso de Psicologia, Universidade do Sagrado Coração, Bauru-SP, Graduanda em Psicologia, daisyniedziekcik@gmail.com; ²Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru-SP, Mestre e docente em Psicologia, asouzajacqueline@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discorre sobre um relato de experiência de um processo de avaliação psicológica de um caso de altas habilidades/superdotação, que ocorreu na clínica-escola de Psicologia de uma universidade privada do interior paulista. Tendo como objetivo a descrição do processo de psicodiagnóstico de um caso de altas habilidades/ superdotação, bem como o levantamento de possibilidade de ação que superem os rótulos e asseguram um desenvolvimento integral do sujeito. O processo de psicodiagnóstico ocorreu em doze atendimentos, nos quais foram realizadas as entrevistas familiar e escolar, aplicação de instrumentos psicológicos como WISC III, Columbia, CAT-A e EAME-IJ, bem como recursos lúdicos como “faz de conta” e técnica de fantoches, que avaliaram a inteligência, a personalidade, a motivação, os aspectos de relação social, escolar e familiar. Todas as informações coletadas fundamentaram a hipótese diagnóstica de altas habilidades em conhecimentos lógico-matemáticos, sendo realizado encaminhamento ao serviço competente, bem como devolutivas e orientações aos pais, criança e escola. O caso permitiu pensar quatro eixos que requerem ações/intervenção quando se trata de altas habilidade/superdotação, a saber: as práticas pedagógicas e as políticas educacionais; questões relacionais e emocionais; as exigências familiares e sociais; e o direito a ser criança. Espera-se que este trabalho fomenta discussões, contribuindo para ampliar o debate da educação inclusiva e o engajamento de diversos setores sociais que garantam uma educação democrática, de e para todos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Altas Habilidades. Desenvolvimento Integral.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência de um processo de avaliação psicológica de superdotação/altas habilidades, que ocorreu em uma clínica-escola de uma universidade privada do interior paulista.

João, nome fictício, de sete anos, estudante do terceiro ano do Ensino Fundamental, foi encaminhado pela escola com a hipótese de superdotação/altas habilidades a clínica-escola de Psicologia, para que uma avaliação fosse realizada.

O processo de avaliação psicológica que ocorre dentro da clínica, segundo Cunha (2007), é denominado psicodiagnóstico, cuja finalidade é a investigação de uma determinada queixa, a partir de instrumentos técnicos e teóricos da Psicologia, entretanto, destaca-se que este não deve servir para estigmatizar ou patologizar os sujeitos. Portanto, a avaliação só

cumpra sua função quando para além de uma hipótese diagnóstica, serve para elaboração de uma ação/ intervenção sobre a queixa, visando amenizar ou superar a queixa inicial.

Sendo assim, o sujeito em avaliação deve ser considerado em sua totalidade, para tanto durante o processo de psicodiagnóstico fez-se necessário diálogos entre a família e escola, bem como os serviços da universidade.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento foi realizada a acolhida e a triagem psicológica, com a finalidade de compreender melhor a queixa. Este processo ocorreu em três atendimentos, com uma duração de 50 minutos, sendo dois com mãe e um atendimento lúdico com a criança.

No processo de triagem, levanta-se o histórico familiar e de vida da criança, por meio do questionário de anamnese e de entrevistas com os pais. Com a criança é realizada a entrevista lúdica, que permite o aprofundamento sobre a queixa.

Posteriormente, iniciou-se o processo de psicodiagnóstico, que teve nove atendimentos, de 50 minutos, em que foram realizadas as entrevistas com professora e escola, aplicação de instrumentos psicológicos como WISC III, Columbia, CAT-A e EAME-IJ, bem como o recurso lúdico “faz de conta” e a técnica de fantoches. Assim, avaliaram-se os aspectos familiares, escolares, emocionais e relacionais, bem como fatores como a inteligência, raciocínio geral, personalidade e motivação escolar.

Destaca-se também a revisão de literatura, com consulta em materiais científicos como livros, artigos e periódicos, para o aprofundamento do caso. Ao final do processo investigativo foram realizadas devolutivas e orientações aos pais, criança e escola, bem como o encaminhamento.

Ademais, o processo de psicodiagnóstico foi orientado e supervisionado, bem como se pautou nos princípios e normas éticas, regulamentadas pelo Conselho Federal de Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

João teve escores altos nos testes WISC III e Columbia, que avaliam a inteligência e o raciocínio geral, indicando superdotação/altas habilidades. Entretanto, Aspesi (2003 *apud* SILVA; FLEITH, 2008) destaca que este fenômeno apresenta uma grande complexidade, sendo multideterminado, razão pela qual avaliar apenas a inteligência pode conduzir a equívocos.

No instrumento EAME-IJ, que avalia a motivação escolar, evidenciou uma maior motivação intrínseca que detrimento da motivação extrínseca. Silva e Mettrau (2010) identificaram que a motivação intrínseca (elementos internos relacionados ao próprio interesse dos sujeitos) é bem maior que a motivação extrínseca (elementos externos relacionados às rotinas e ao ambiente) em estudantes com superdotação/altas habilidades.

O instrumento CAT-A que avalia personalidade, destacou-se a extroversão, a competitividade e a valorização de bom desempenho. João também apresentou algumas características destacada por Fleith (2007) aos alunos com superdotação/altas habilidades, como alto grau de curiosidade, boa memória, atenção concentrada, facilidade de aprendizagem, vocabulário avançado para a idade cronológica, entre outras.

Na entrevista com a professora pode-se identificar que João apresenta facilidade maior em matemática, que é sua matéria preferida, enquanto nas demais disciplinas tem um

desempenho similar aos colegas de classe. João e a mãe também relataram a preferência por atividades de exatas.

Com todas as informações coletadas durante o processo de psicodiagnóstico a hipótese é de altas habilidades em conhecimentos lógico-matemáticos. Segundo Cupertino (2008) altas habilidades são aqueles sujeitos que comparados com seus pares apresentam uma habilidade significativamente superior em alguma área do conhecimento.

Tem-se a hipótese diagnóstica, entretanto como destaca Garcia-Santos (2012 *apud* MAFFEI, 2015) a avaliação psicológica em casos de altas habilidades deve direcionar práticas que buscam beneficiar a criança e não rotulá-las.

Desta maneira, a partir da avaliação pensou-se em quatro eixos em que se pode planejar ações que atendam as necessidades de João e demais crianças com altas habilidades, destacados a seguir:

□ Prática pedagógica e políticas educacionais:

As representações sociais acerca das altas habilidades/ superdotação estão vinculadas a ideia de “super-heróis” intelectuais (MAFFEI, 2015), de modo que as dificuldades escolares desses alunos podem passar despercebidas.

Faz-se importante ressaltar que alunos alto habilidosos ou superdotados são públicos da Educação Especial, uma vez que necessitam de programas de ensino-aprendizagem diferenciados.

A Declaração de Salamanca, que pressupõe uma educação inclusiva para todos e a lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entre outras políticas educacionais visam assegurar o atendimento educacional e apoio pedagógico especializado, bem como enriquecimento e adaptações curriculares incluindo este público. (NOLÊTO, 2008).

Destaca-se também a importância de um projeto pedagógico que inclua a educação especial no cotidiano escolar oferecendo alternativas motivadoras e criativas de aprendizagem.

Agapito e Strohschoen (2016) destacam que as metodologias ativas de ensino-aprendizagem, que buscam uma visão relacional e a autonomia do aluno, com maior flexibilidade e complexidade, permitem apropriações de conhecimentos dinâmicas. Os resultados dessas estratégias apontam-se satisfatórias para a aprendizagem.

Desta maneira, assegurar a implementação das políticas educacionais, bem como buscar novas estratégias de ensino-aprendizagem inclusivas são fundamentais.

□ Questões relacionais e emocionais:

O mito de super-herói também pode gerar um sentimento de diferente dos outros, prejudicando a relação consigo e com os outros (MAFFEI, 2015). Sendo assim, faz-se necessário identificar vivências de exclusão e *bullying*, agressões verbais ou físicas, que afetem diretamente a aprendizagem, a socialização e o desenvolvimento da criança.

De acordo com Dalosto e Alencar (2013) no caso de crianças com altas habilidades/ superdotação vulnerabilidades psicológicas como o excesso de autocrítica e sensibilidade exacerbada, diante situações de *bullying* podem se intensificar e gerarem sentimentos de ansiedade e depressão.

No caso de João observou-se que algumas piadas referentes ao seu desempenho acadêmico deixavam-no chateado. Bem como, João às vezes selecionava suas amizades de acordo com o desempenho acadêmico da criança.

Assim, dificuldades de relacionamentos sociais também são comumente identificadas em crianças com altas habilidades/ superdotação, sendo fundamental o desenvolvimento de habilidades sociais, que auxiliam a interação com os colegas em sala de aula e fora dela.

□ Exigências familiares e sociais:

Destaca-se que em uma sociedade que valoriza a produtividade e a excelência de desempenho, as exigências e expectativas sob as crianças são exacerbadas. O mito do super-herói para crianças com altas habilidades/ superdotados podem agravar essas expectativas e exigências.

Palácio (2017) chama a atenção para metas irrealisticamente altas que esses alunos podem estipular para si, às vezes reforçadas pelos pais ou educadores, bem como o medo e angústia que sofrem de não atingir tais metas.

Os familiares de João reforçavam seu desempenho acadêmico e intelectual. João, por sua vez, apresentava grande perfeccionismo e vinculava sua capacidade às suas notas, considerando-se bom apenas quando tinha boas notas.

Assim, faz-se necessário intervir sob essas expectativas e exigências exacerbadas que podem prejudicar o desenvolvimento das crianças.

□ O direito de ser criança:

Ressaltar-se que as crianças com altas habilidades/superdotação, embora apresentem facilidades em alguma(s) área(s) de conhecimento, são crianças! Devem correr, brincar, pular, se divertir. É comum crianças com altas habilidades/superdotação serem superestimuladas com diversas atividades, como João.

Entretanto, estão em desenvolvimento, a escola e as atividades extras contribuem com este desenvolvimento biopsicossocial. Deve-se ter cautela para que a estimulação não seja nociva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso de João, o diagnóstico não foi concluído, uma vez que este está nos anos iniciais e em pleno desenvolvimento, entretanto, é fundamental que identificadas as necessidades, as intervenções devem iniciar o quanto antes. Foram realizadas devolutivas e orientações aos pais e escola, bem como com João, que foi encaminhado ao serviço de atenção psicopedagógica da universidade, a fim de que fosse realizadas intervenções pedagógicas, bem como o desenvolvimento de habilidades sociais e a capacidade de lidar as expectativas sobre seu desempenho escolar.

Para além da descrição do caso de João, o presente trabalho buscou pensar em possibilidades de ações em casos de altas habilidades/superdotação, considerando a totalidade do desenvolvimento.

Espera-se que este trabalho fomente discussões, contribuindo com ampliar o debate acerca da educação inclusiva, dos estigmas sociais e dos processos de exclusão que ocorrem na escola, bem como as exigências de desempenho e produtividade exacerbadas, que afetam o desenvolvimento das crianças, sobretudo com altas habilidades/superdotação. Pensar essas

questões é um primeiro passo para o planejamento de ações que superem a realidade social, desta maneira, faz-se necessário o engajamento e articulação de diversos setores sociais para assegurar uma educação democrática, de e para todos.

REFERÊNCIAS

AGAPITO, F. M.; STROHSCHOEN, A. A. G. Aprendizagem baseada em problemas e mapa conceitual: uma experiência com alunos do curso de Pedagogia. **Revista Signos**, V.37, N.2, 2016.

CUNHA, J. A. et al. **Psicodiagnóstico V**. 5ª ed. São Paulo: Artmed, 2007.

CUPERTINO, C. M. B. (Org). **Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos**. Secretaria da Educação, São Paulo: FDE, 2008.

DALOSTO, M. M.; ALENCAR, E. M. L. S. Manifestações e prevalência de *bullying* entre alunos com Altas Habilidade/Superdotação. Marília: **Rev. Bras**, v.19, n.3, 2013.

FLEITH, D. S. (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidade/ Superdotação: orientação a professores**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007.

MAFFEI, D. P. **Avaliação Psicológica de Altas Habilidades: um estudo de caso**. Monografia de Especialização em Avaliação Psicológica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

NOLÊTO, B. M. S. Políticas educacionais de inclusão de alunos com altas habilidades/ superdotação na Educação Básica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, UFS, V.1, 2008.

PALÁCIO, T. T. Altas Habilidades/ Superdotados: quem são? **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v.10, n.2, 2017.

SILVA, I.; METTRAU, M. B. Talento acadêmico e desempenho escolar: a importância da motivação no contexto educacional. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.1, n.2, 2010.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. A influência da família no desenvolvimento da superdotação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.12, n.2, 2008.